

G8/G20 – De que têm medo vocês?



Os líderes mundiais começaram a chegar, no dia 26 de Junho, para a cimeira do G8/G20, em Toronto, no meio dum sistema de segurança brutal que marca os 3 dias mais caros da história do Canadá. Grandes áreas da baixa de Toronto têm a aparência dum estado policial, com 19.000 pessoas ligadas à segurança, cerca de 5 vezes o número das forças mobilizadas para a reunião do G20 do ano passado, em Pittsburgh. O preço do aparelho securitário ronda os mil milhões de dólares e há quem preveja que o custo total da cimeira ultrapassará os dois mil milhões.

Há notícias de jornalistas e de activistas (1 e 2) impedidos de entrar nas fronteiras canadianas, incluindo dois jornalistas do Indymedia de Chicago, a quem foi dada a opção entre voltar a casa ou passar “semanas” numa prisão canadiana.

Para além disso, três casas onde se alojam activistas contra a cimeira do G8/G20 foram alvos de rusgas, na noite de 25 para 26 de Junho. Pelo menos seis mandatos de captura foram emitidos e pelo menos quatro das pessoas-alvo desses mandatos foram detidas e acusadas de conspiração.

“As pessoas detidas fazem parte de organizações de defesa da soberania de Povos Indígenas, ambientalistas e de luta contra a pobreza”, disse Mac Scott, membro do Comité de Defesa do Movimento (Movement Defence Committee, que fornece apoio legal aos activistas). Acrescenta que se trata da “revogação da secção 2” (da Carta canadiana de Direitos e Liberdades)”, que garante as liberdades fundamentais dos canadianos, incluindo a liberdade de expressão, de reunião pacífica, de associação e de pensamento.

A polícia chegou a uma casa onde estavam 15 activistas por volta das 4h45m da manhã. “Não tinham mandato e pedimo-lo. Eles pediram-nos a identificação, fizeram-nos perguntas e nós recusamos. Houve pessoas presas, que exigiram o seu direito a aconselhamento legal. Foi-nos negado”, disse Nicki Thorne, uma das habitantes da casa. Mesmo quando, mais tarde, apareceu um mandato, quem estava a ser detido foi impedido de ler a totalidade do documento antes de lhe ser retirado das mãos.

Outra casa viu a sua porta arrombada e com um mandato deixado em cima da mesa. Dois activistas que viviam nessa casa foram detidos e uma terceira pessoa que estava por lá também acabou na prisão. Outro apartamento no mesmo prédio também foi arrombado. Outros dois activistas foram informados que havia um mandato de detenção sobre eles e acredita-se que se entregarão à polícia. De acordo com um tweet do Movement Defence Committee, os detidos eram “organizadores chave”.

Mais informação em portugal.indymedia.org

Hezbollah e LBC agredidos pela PSP



Às 4:55 horas da madrugada de domingo 14 de Junho, no Parque Central da Amadora, um grupo de jovens, entre os quais Jakilson Pereira, 26 anos, licenciado em Educação Social, desempregado e candidato a bolsa de investigação, dirigiam-se para a Mina, Amadora.

Jakilson, que também é rapper e é mais conhecido como Hezbollah, agachou-se para apertar os atacadores dos ténis. De repente sentiu um automóvel aproximar-se dele. Levantou a cabeça e viu um homem com uma arma apontada na sua direcção que gritou “Caralho!” Assustado, Hezbollah correu na direcção do seu amigo Flávio Almada, 27 anos, estudante finalista do curso de Tradução da Universidade Lusófona, também rapper e mais conhecido como LBC, mediador sociocultural na Escola Inter-cultural das Profissões e do Desporto da Reboleira e formador musical de jovens inseridos no Projecto Escolhas do Moinho da Juventude e da Comissão de Moralidade da Cova da Moura. LBC disse ao agressor: “Ele está desarmado!”, referindo-se ao seu amigo Hezbollah. Nesse momento, o homem disparou um tiro na direcção de Hezbollah. O homem estava fardado, era da PSP e tinha sido transportado para o local por um automóvel da PSP.

Hezbollah continuou a fugir e foi esconder-se por trás de um automóvel junto à Estação dos Correios, observando a progressão do agente da PSP que o procura de arma na mão. O agente detecta-o e corre na sua direcção. Sai outro agente do automóvel e ambos cercam Hezbollah. Agarrando-o sob ameaça da arma, começaram a pontapeá-lo. Chega um automóvel Volkswagen Golf preto, com dois polícias à paisana. [...] Um dos agentes à paisana exclama: “Deixa o rapaz!”

Entretanto LBC tinha-se aproximado para tentar socorrer o amigo. Os polícias fardados agarram-no, deitam-no ao chão e algemam-no, pontapeiam-no e depois metem-lhe um pé sobre a cabeça e tiram-lhe a carteira e o telemóvel.

Levam-nos – cada um dos detidos no seu automóvel – para a Esquadra da Mina, na Avenida Movimento das Forças Armadas 14. Aí aparece o agente Monteiro e pergunta a Hezbollah, agarrado pelos braços por dois outros agentes para o manterem sentado numa cadeira:

continua ->

<< continuação

“Estás preparado?” e começa a dar-lhe socos e joelhadas na barrega. Hezbollah vomitou em consequência dos dois primeiros socos. LBC também é sovado. Um dos agentes comenta a certa altura: “Aqui estão os dois gajos. Qual de vocês é que tem um caso com a polícia?” Hezbollah foi absolvido há cerca de um mês da acusação de ter partido dois dedos a um polícia, quando na realidade o que aconteceu foi que, ao voltar para casa à noite, foi cercado por vários polícias, que o deixaram inanimado, sem sapatos e sem casaco, num terreno vago, depois de barbaramente espancado, a ponto de lhe partirem a cana do nariz.

Metem-nos de novo no automóvel e levam-nos para a Esquadra do Casal da Boba, na Amadora. Depois de os encostarem a uma parede, o agente Nunes dessa esquadra dá um forte pontapé no estômago de Hezbollah, enquanto outros agentes o seguram e batem para o impedir de se encolher a proteger-se da agressão. Um dos polícias comenta: “Qualquer dia vão encontrar o teu corpo morto na mata de Monsanto”. Tiram fotografias aos dois detidos. LBC é colocado ao lado de Hezbollah e um dos polícias acusa LBC de ter em seu poder um telemóvel roubado. Ele nega e é-lhe devolvido o telemóvel, que lhe tinha sido confiscado e levado para outra sala, depois de verem as mensagens e chamadas.

Foram levados de novo para a Esquadra da Mina. Lá chegados, os detidos repararam na presença do rapaz e da rapariga com quem Hezbollah e LBC tinham trocado palavras que provocaram uma cena de socos entre Hezbollah e o rapaz, na Estação da Amadora.

Repete-se a cena de Hezbollah, ainda algemado, ser agarrado pelos

ombros e braços e agredidos a soco no estômago pelo agente Monteiro. LBC interpela-os dizendo “Porque é que estão a fazer isso?” e foi imediatamente agredido a pontapé pelos dois agentes que o enquadravam.

O agente diz-lhe que vai ter de limpar o vomitado com a boca. Hezbollah recusa-se e o agente Monteiro e o agente Ferreira – que tinha tirado o crachá – Insistem: “Vais limpar, vais limpar” e, segurando-o, lançaram-no por cima do vômito e arrastaram-no para trás e para a frente, como se fosse uma esfregona, até o vômito ensopar por completo as calças, o casaco. [...]

Os detidos ficaram ali até às onze horas e tal da manhã, altura em que lhes passaram um papel para comparecerem no Tribunal de Alfragide às 10h do dia 14 de Junho e os deixaram sair da esquadra, depois de, pela primeira vez, os desalgemarem. O documento refere-os como arguidos e acusa-os de “agressão à integridade física”, sem referir a quem. [...]

Neste momento Hezbollah e LBC não têm advogado que os defenda e sabem que, se nada for feito para dar publicidade a esta situação, continuarão a ser alvo da brutalidade policial. Foi o que aconteceu com Tony da Bela Vista, Teti, torturado até morrer de hemorragia interna, Angoi, morto com dois tiros nas costas, PTB abatido dentro do carro, Snake, assassinado com um tiro nas costas quando conduzia o seu automóvel, Corvo, abatido com um tiro na cabeça, Kuku, morto aos 14 anos com um tiro a 12 cm da cabeça, Célé, morto com 62 balas, etc”.

Ana Barradas, dirigente da Política Operária. Artigo completo no site.

Mais um passo na UE do Big Brother

A vigilância intensiva sobre a “radicalização violenta” será estendida de forma a incluir “radicais” suspeitos de todo o espectro político. Os alvos incluem “extrema direita/esquerda, islamistas, nacionalistas, anti-globalização, etc.”

Um plano para colocar “radicais” suspeitos sob vigilância passou sem notícia, no fim de Abril, no Conselho da União Europeia. No dia 26 desse mês, o Conselho dos Assuntos Gerais do Conselho da União Europeia fez passar sem debate algumas Conclusões do Conselho “sobre a utilização dum instrumento estandardizado, multidimensional e semi-estruturado de recolha de dados e informações sobre o processo de radicalização na União Europeia (UE).

Note-se que as “Conclusões do Conselho” não são mais do que decisões políticas. As Conclusões (e, já agora, as Recomendações) editadas pelo Conselho são conhecidas como “soft law” (lei suave, numa tradução à pressa) e não são obrigatórias para os Estados membros. No entanto, sendo políticas acordadas formalmente, são utilizadas (e legitimadas) como base para a cooperação e para as novas práticas nos Estados membros. São, assim, adoptadas sem qualquer tipo de contribuição dos parlamentos nacionais ou europeu.

O tal instrumento “estandardizado, multidimensional e semi-estruturado” será posto em prática alegadamente para evitar que algumas pessoas se virem para o terrorismo através da “radicalização”. Em primeiro lugar, analisando os “vários ambientes em que decorre essa “radicalização”. Depois, introduzindo “formas sistemáticas” de partilha de informações



sobre indivíduos ou grupos que utilizam discursos de ódio ou incentivam ao terrorismo.

Deve-se partilhar informação sobre líderes radicais que promovem o terrorismo e os seus movimentos devem ser seguidos, de forma a “interromper os processos de radicalização em andamento ou a anunciar alertas em relação a eles” (lembramos que “alertas” são uma figura de estilo que pode levar a acções tais como detenção, interrogatório, colocação sob vigilância, etc.). À Europol pede-se que “crie listas de pessoas envolvidas em actividades de radicalização/recrutamento ou que transmitam mensagens de radicalização e que tome as medidas apropriadas”.

Pode-se considerar que este seja um passo lógico na luta da UE contra o terrorismo. Mas isso é só até se analisar o documento que está na base das Conclusões. Esse documento chama-se “Instrumento para compilar dados e informações sobre os processos de radicalização violenta” (EU doc nr. 7984/10 ADD 1). Para instrumento que pretende atacar o terrorismo, é estranho que se encontre apenas uma referência a esse terrorismo. Também parece pouco normal que a terminologia utilizada varie entre “radicalização violenta” e “radicalização”, como se fossem a mesma coisa.

Para além disso, os alvos deste novo “instrumento” não são, claramente, os indivíduos ou grupos que tenham cometido ou estejam a preparar actos de terrorismo, nem sequer os que incitem ao terrorismo, porque ambos podem ser atacados de acordo com as leis criminais normais (detenção, acusação, prisão, etc.). Continue a ler no site....

O INDY-ZINE é uma publicação do colectivo CMI-Portugal. A reprodução total ou parcial das matérias aqui publicadas é permitida e recomendada, desde que seja mencionada a fonte!

Se quiseres contribuir divulgando algum acontecimento importante que não foi veiculado pela grande imprensa, envia-nos as tuas notícias. Torna-te meio de comunicação. Lê mais ou comenta, sobre estes ou outros assuntos, em:

<http://portugal.indymedia.org/>